

Outono 1998

DOURO 6

ESTUDOS & DOCUMENTOS

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

DIRECÇÃO:

Manuel Alberto Ramos Mações (Presidente em exercício do Instituto do Vinho do Porto)
José Augusto Novais Barbosa (Reitor da Universidade do Porto)
José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

COORDENADOR:

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

CONSELHO DE REDACÇÃO:

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)
António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)
Arlene Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)
Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)
Fernando Bianchi de Aguiar (Departamento de Fitotecnia e Eng. Rural/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
Francisco Ferreira Monteiro (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar)
Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
François Guichard (Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia)
Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia - Berkeley)
João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
Luís Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Norman R. Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)
Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitotecnia e Eng. Rural/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)
Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra)

SECRETARIADO:

Paula Montes Leal, Natália Fauvrelle da Costa e Adelaide Gil

PROPRIEDADE:

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

EDIÇÃO:

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto
Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 55038 ■ 4150 PORTO Codex – PORTUGAL
Telefone e fax.: (02) 6077156 ■ E-mail: tugurio@mail.esoterica.pt

Composição: Edições Afrontamento

Impressão e Acabamento: Rainho & Neves, Lda.

Assinatura anual (2 números):

Instituições: 4000\$00; **Individuais:** 3500\$00

Preço deste número: 3000\$00

Tiragem: 1200 exemplares

Depósito Legal: 98629/96

ISSN: 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

SUMÁRIO

Editorial	7
Homenagem a Fernando Nicolau de Almeida	9
Mensagem de José Maria Soares Franco	
Estudos	17
As confrarias báquicas: sua natureza e função associativa	
Geraldo J. A. Coelho Dias	
Turismo rural e desenvolvimento na região do Douro — processos e (alguns) resultados da evolução recente do sector	25
Manuela Ribeiro	
O triângulo corporativo e os primeiros passos do Instituto do Vinho do Porto	51
Fernando Peixoto	
Os vinhos do Douro e os outros. Primeiros anos da organização corporativa	101
Dulce Freire	
Barqueiros – Pórtico do Douro vinhateiro	127
Bernardino Vieira de Oliveira	
O vinho e a economia agrícola romana (séculos III a. C. - I d. C.)	161
Nuno Simões Rodrigues	
Documentos	
«Loa em louvores do vinho»: um contributo para a geografia da produção e a história da apreciação do vinho em Portugal	179
Rui Feijó	
«Discurso Sobre o Paiz do Douro» de José Jacinto de Sousa	199
Aurélio de Oliveira	
Relatórios e notas de pesquisa	
Esclarecimentos sobre algumas inscrições depositadas no Museu Arqueológico de Salamanca	235
Liborio Hernández Guerra	
Aspectos da História Antiga de Longroiva	241
João Viana Antunes ■ Pedro Baêre de Faria ■ Pedro Brochado de Almeida	
Notícias	253
Agenda	261

João Manuel Viana Antunes *

Pedro Baêre da Faria *

Pedro Miguel D. Brochado de Almeida **

Aspectos da história Antiga de Longroiva***

A povoação de Longroiva (Fig. 1) repousa à sombra tutelar do seu castelo medieval, erguido, qual solitário cavaleiro, na mole granítica que domina o casario desordenado e cingido por calçadas íngremes do centro da freguesia.

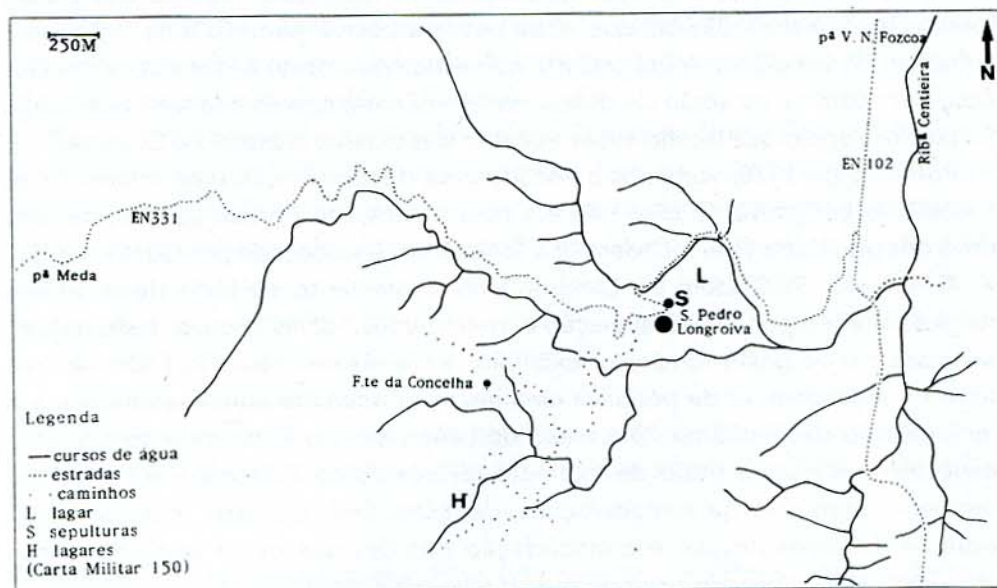


Fig. 1

* Arqueólogos. Investigadores do GEHVID.

** Estudante da licenciatura em História, variante Arqueologia da FLUP.

*** Nota dos Editores: Por lapso, o texto deste artigo não saiu impresso no número anterior da revista, tendo sido trocado por outro. Aos autores do artigo e aos leitores da revista apresentamos as nossas desculpas.

Em prol de um estudo sério mas sem grandes pretensões, achamos por bem recorrer à bibliografia indicada para descrever a sucessão de factos que resultaram nas sucessivas reconstruções físico-estruturais do Castelo de Longroiva.

A primeira notícia sobre este acastelamento data do ano de 960, altura em que se procedeu à sua doação, por D. Flâmula, ao Mosteiro de Guimarães. O dito manuscrito refere-se-lhe nestes moldes: «... *nostros castellos id est Trancoso, Moraria, Longobria,...*»¹. O facto desta doação reverter a favor de um órgão clerical permite-nos concluir que o castelo, em meados do século X, ainda fazia parte do mapa geográfico sob controlo do movimento da Reconquista. Dizemos ainda, uma vez que, não muitos anos depois, foi perdido para as forças inimigas chefiadas pelo mouro Almansor².

Da documentação, a historiografia medieval, até ao momento, só conseguiu extrair novos dados daquela que se reporta ao ano de 1055. Cronologicamente, este é o tempo das reformas administrativo-militares de Fernando Magno, que se apoiaram numa súbita mas planeada mudança de rumo nas Guerras da Reconquista. O ponto de viragem dá-se no decurso do ano de 1053, quando Fernando Magno iniciou uma série de campanhas militares contra o reino de Toledo. Todo este processo só findou por volta de 1064, altura em que se deu a conquista da alcáçova de Coimbra. De permeio ficaram as lutas pelo controlo das praças fortificadas da Beira (1055-58) que, entre outros aspectos, permitiu o domínio sobre o Castelo de Longroiva. A importância geo-estratégica deste e dos outros castelos ficou bem patente na acção de defesa do território em que se inseriam, bem como no precioso apoio que facultaram às tropas cristãs durante o assédio a Coimbra³.

Por volta de 1176, voltamos a encontrar na documentação uma referência ao Castelo de Longroiva. O caso não era para menos, até porque se trata de uma nova doação, desta feita à Ordem dos Templários, encabeçada por Gualdim Pais.

A inclusão do Castelo de Longroiva no arrolamento de bens desta ordem religiosa acabou por levar à alteração e modernização da fisionomia deste reduto, adaptando-o ao gosto românico. Exemplos disso mesmo são a inclusão de uma torre de menagem, onde pontifica uma inscrição referente àquela efeméride e a remodelação das muralhas. O Castelo de Longroiva não é, no entanto, um caso específico, já que, a título de exemplo, outros como Trancoso ou Penedono também foram alvo de remodelações idênticas. Está, por isso, inserido numa política de reconstrução e consolidação das defesas desta zona do reino, elaborado e concretizado por esta ordem religiosa de cavalaria⁴.

¹ *Portugaliae Monumenta Historica, Diploma et Chartae*, Doc. 81; *Vimaranis Monumenta Historica*, Doc. 11. Guimarães, 1929-31.

² BARROCA, Mário Jorge – *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII). «Portugália»*. Nova Série, vol. XI-XII (1990-91), p. 95.

³ BARROCA, Mário Jorge – o. c., p. 101.

⁴ BARROCA, Mário Jorge – o. c., p. 121-122.

Mas esta política implicou o desmantelamento do castelo pré-românico, do qual só restam alguns silhares em forma de cotovelo. O pano de muralha que hoje em dia podemos observar, onde se integram silhares bem aparelhados, entremeados com pedra mais fruste e duas seteiras de cruz, remontam à centúria de Quinhentos, tal como comprova o portal de traça manuelina, a janela e portas da torre de menagem e as troneiras que ainda são bem visíveis na cerca e na torre de menagem. Sem embargo, teremos que atender no facto de, após vários séculos de abandono, a cerca ter sido transformada, em meados do século XIX, em cemitério paroquial⁵. A nova função que lhe foi atribuída obrigou a uma reconstrução do pano da muralha. Assim se explica o facto de ele nem sempre ser consentâneo com aquele que lhe serviu de matriz.

A torre de menagem, erguida com silhares de cantaria bem esquadriados, muitos deles siglados, apresenta, voltada a Norte, a característica entrada ao nível do segundo piso, de ombreiras bem facetadas e rematada com um tímpano semi-circular de lavra singela. Como refere o *Tombo da Comenda de Longroiva da Ordem de Cristo*, datado de 1507, a torre foi restaurada naquela altura, rasgando-se então «uma boa janela nova contra o ponente, com suas portas novas»⁶ e as troneiras que se podem observar acima dos encaixes para um ordício em madeira.

Acoplado à torre, existiu um edifício que o dito *Tombo* descreve com certo pormenor⁷. Destas construções nada resta na actualidade, excepção feita à cisterna, que se encontra atulhada, e indícios de acoplamento da cozinha, consoante a descrição do referido *Tombo*.

No morro do castelo há ainda a assinalar a Capela da Nossa Senhora do Torrão e a Igreja Paroquial. Os elementos decorativos da primeira irradiam uma arquitectura erguida ao gosto manuelino, bem evidente na arcaria da porta e pilares de sustentação do alpendre, enquanto que o portal da segunda deixa transparecer um traço de índole gótico. Foi, aliás, ao que parece, no interior da capela, que apareceu uma inscrição a *Bandi Longrobricu*, erradamente interpretada como tendo sido dedicada a Júpiter⁸.

Nas suas imediações existem seis sepulturas cavadas na rocha, estando duas delas na parte de trás da capela, mas actualmente soterradas. Sem embargo, o

⁵ GOMES, Rita Costa – *Castelos da Raia*. IPPAR, 1996. (Colecção Arte e Património). Vol. I «Beira», p. 127.

⁶ GOMES, Rita Costa – o. c., p.127.

⁷ GOMES, Rita Costa – o. c., p.127-129.

⁸ ALARCÃO, J. de – *Roman Portugal*. Warminster, 1988, p. 55 n° 4-71. Segundo SIÃO, José Francisco – *Vila de Meda e seu concelho*. Meda, 1996, p. 74-75, esta capela terá sido erguida em 1145. O autor baseia-se numa inscrição gravada numa ara que, anteriormente, havia sido dedicada a *Bandi Longrobricu*.

seu verdadeiro número poderia ascender a cifras bem mais relevantes, até porque o afloramento granítico onde foram implantadas sofreu grandes danos aquando

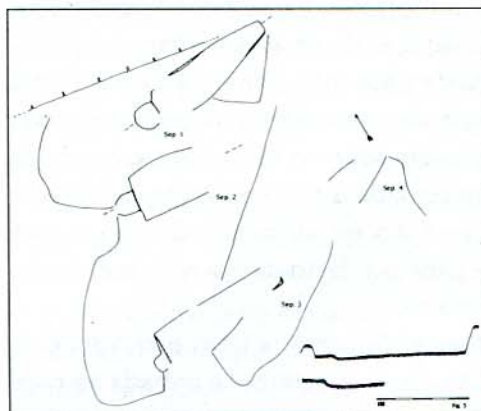


Fig. 5

das obras que permitiram a construção da capela e do adro.

As restantes quatro sepulturas encontram-se num quintal adjacente ao largo da capela, pelo lado Sul (Fig. 5). É possível que este conjunto fizesse parte de um núcleo mais numeroso, visto que a mole granítica em que foram cavadas se encontra muito danificada e parcialmente coberta pelo muro de contenção do adro da capela, pormenor que afecta directamente, inclusive, a sepultura nº 1. Do mesmo modo, é possível que a casa a

que pertence o referido quintal tenha, por sua vez, desempenhado um papel acrescido nesta questão.

De todas, a sepultura nº 1 é a melhor conservada, apesar de parcialmente tapada aos pés pelo muro de contenção do adro.

Possui perfeitamente nítida a cavidade da cabeça, bem como toda a estrutura lateral. O antropomorfismo é evidente por via da cabeceira e afunilamento dos pés. A orientação é Oeste-Este e as suas medidas são as que se seguem:

- Comprimento: 1,74 m
- Largura ao meio: 0,44 m
- Profundidade média: 0,30 m

A sepultura nº 2 é a que tem posição mais central de todas as quatro. Está bastante destruída nos pés, mas conserva bem explícita a cavidade para a cabeça. A orientação é Oeste-Este, tendo as medidas:

- Comprimento provável: 1,74 m
- Largura ao meio: 0,50 m
- Profundidade média: 0,35 m

Apesar de parcialmente destruído lateralmente, o túmulo nº 3 apresenta sinais de evidente antropomorfismo na cabeceira e um acentuado afunilamento dos pés. A orientação é Oeste-Este e tem as seguintes medidas:

- Comprimento: 1,70 m
- Largura ao meio: 0,50 m
- Profundidade média: 0,26 m

A sepultura nº 4 encontra-se no seguimento da nº 3 e o seu nível de destruição é tal que só guarda visíveis as partes laterais dos pés e respectivo fundo.

Por motivos óbvios não apresentamos as suas medidas.

Todas as sepulturas referidas e que acabámos de descrever estão orientadas de Oeste-Este e três delas, a saber, a nº 1, a nº 2 e a nº 3, possuem alteamento para a cabeça como se de uma almofada se tratasse. Este aspecto é notório na Fig. 5 nas representações de cortes longitudinais das sepulturas nº 1 e nº 2.

Neste núcleo de quatro sepulturas conservadas é nítido o antropomorfismo em três delas, concretamente a nº 1, a nº 2 e a nº 3, do mesmo modo que se lhes observa o referido alteamento para a cabeça, se bem que no caso da sepultura nº 3 este aspecto não seja infligido precisamente na zona da cabeceira.

O alinhamento quase paralelo entre as sepulturas que formam este conjunto permite que possuam, de forma quase exacta, sempre a mesma orientação, neste caso com os pés voltados a Nascente, garantindo assim uma concepção canónica do seu traçado.



Foto 1 – Lagar do Castelo (Longroiva)

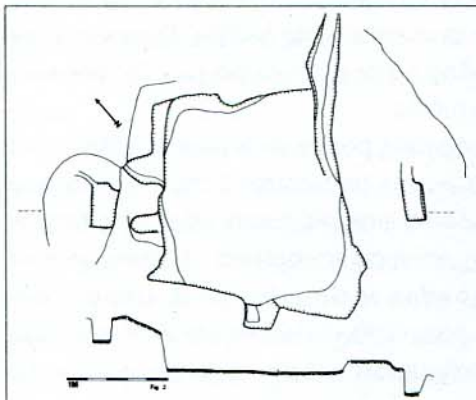


Fig. 2

Os vestígios arqueológicos nesta freguesia não se restringem ao castelo e às sepulturas cavadas na rocha. Há que assinalar ainda um razoável número de lagaretas, também elas inseridas na rocha e das quais referimos algumas.

A Nordeste do casario, a uns cem metros do castelo, encontra-se uma lagareta cavada na rocha, numa pequena crista entre os terrenos agrícolas que na aldeia chamam «Castanheiro» (Foto 1, Fig. 2).

Rasgada no granito, apresenta somente a zona de pisamento da uva, constituída por uma área sub-rectangular cujas paredes persistem conservadas do lado Noroeste, o mesmo não sucedendo na face oposta, ou seja, a Sudeste.

Apresenta no seu fundo uma ligeira inclinação de Sudoeste para Nordeste sem que se possa precisar, em face do actual estado de conservação da estrutura, se esse facto se relaciona com

a técnica de escoamento do mosto para o exterior da lagareta. Tal falta de

perspectiva liga-se muito de perto com a situação de todo o quadrante Este da estrutura se encontrar muito alterado.

Fica ainda como informação – quanto à forma desta lagareta – que lhe são bem visíveis as duas cavidades de assentamento dos madeiramentos responsáveis pelo suporte do engenho de espremer a uva (Fig. 2).

Dimensões:

- Aresta média: 1,85 m
- Profundidade média: 0,38 m

Estando na Fonte da Concelha, que dista quase 1 Km para Sudoeste de Longroiva, e tomando o caminho que sobe da referida fonte para Sul, numa distância de aproximadamente 1,5 Km, deparar-se-á com o lugar popularmente conhecido por «Chão da Força», nas imediações do qual existe uma exploração agrícola onde predomina a vinha.

Mesmo à face do caminho, encontra-se, num maciço e razoavelmente grande afloramento granítico, uma lagareta cavada na rocha e respectiva balsa de recolha do mosto.

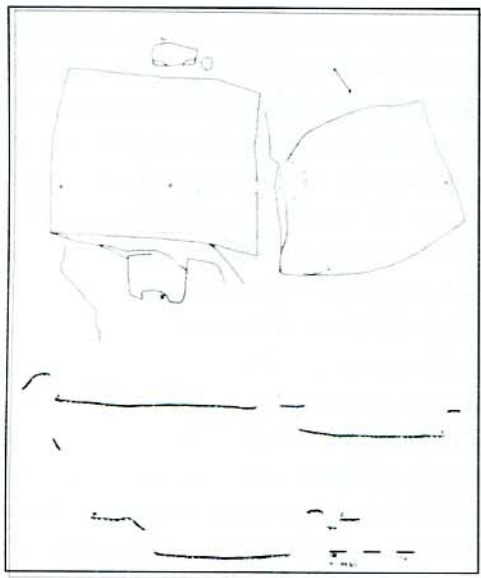


Fig. 3

Na presente estrutura, evidencia-se a zona de prensagem do fruto, a qual se talhou na parte mais baixa do afloramento, já que este ultrapassa largamente em cota a área em que a lagareta propriamente dita foi aberta (Fig. 3, corte transversal W-Z). Surge ainda outra área mais adequada, com espaço suficiente, a uma cota inferior, para elaboração da lagareta e colocação desta em posição favorável a um melhor aproveitamento do granito disponível para realização simultânea do pio de recepção do mosto.

A lagareta possui uma planta rectangular, um pouco trapezoidal (Foto 2), visto que tanto as larguras como os comprimentos surgem algo irregulares. As paredes são talhadas inclinadas para dentro em

direcção ao fundo da lagareta. Conta ainda com duas cavidades de fixamento das traves da «prensa», sendo uma delas de configuração vulgar, rectangular e funda, apresentando uma pequena depressão anexa que possivelmente com ela se relaciona estrutural e funcionalmente. A outra possui uma configuração invulgar, de linha sub-quadrangular, tem pouca profundidade, sendo possível admitir que a



Foto 2 – Chão da Forca (Longroiva)

fixação dos madeiramentos se fizesse aí, parcialmente, no exterior da cavidade.

O fundo do lagar não dispõe de grande inclinação do pio, sendo o escoamento confiado a um canal aberto em sulco generoso e perfurado na parede Sudeste da lagareta. A queda do mosto realizava-se de modo bem directo para o interior do pio, pois que o canal de drenagem se encontra avançado em forma de bica (Foto 3).



Foto 3 – Chão da Forca (Longroiva)

No interior da lagareta encontra-se uma pedra volumosa que interpretamos como podendo ser o peso da estrutura de esmagamento da uva.

Dimensões da lagareta:

- Comprimentos: 2,30 m; 2,50 m
- Larguras: 1,98 m; 1,92 m
- Profundidade média: 0,36 m

Dimensões do pio:

- Perímetro superior: 7 m

- Profundidade média: 0,30 m

- Capacidade: superior a 900 l

A cerca de cem metros para Sul do lagar do «Chão da Forca», atravessando um campo de vinha, encontra-se no sítio de topónimo «Cruzinha», num afloramento granítico, uma outra estrutura cavada similar à anteriormente descrita, bastante deteriorada, porventura devido à passagem de máquinas agrícolas. Compõe-se de uma lagareta e de um pio de recolha do mosto.

A lagareta tem forma sub-trapezoidal, contribuindo as suas muito diferenciadamente dimensionadas arestas, para esse perfil (Fig. 4, Foto 4).

O seu fundo é acentuadamente inclinado em direcção à passagem ao pio.

A lagareta foi parcialmente destruída na sua parede Norte, lado onde surgem duas cavidades de assentamento do aparelho de apisoamento. Estes são paralelos e de traço rectangular, sendo um deles mais longo. Deste não existem elementos no lado oposto da lagareta, como é habitual. Tal faz supor que o mecanismo de prensagem se suspenderia apenas a partir daquele ponto, ou então terão desaparecido as supostas cavidades.

A passagem da lagareta para o pio faz-se através dum rego com canal de

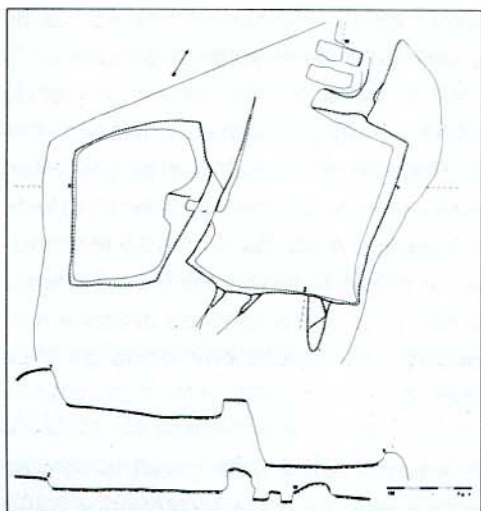


Fig. 4

escoamento. O canal foi aberto na parede Oeste da lagareta, dando seguimento ao rego, de boa dimensão, que faz o escoamento pela parede inclinada do pio. Este apresenta uma planta sub-trapezoidal, com um amplo cavamento na face Este, onde chegam o rego e o canal de drenagem, o mesmo não sucedendo do lado oposto onde esse cavamento é o menor de todos, quase vertical, conferindo-lhe pouca profundidade.

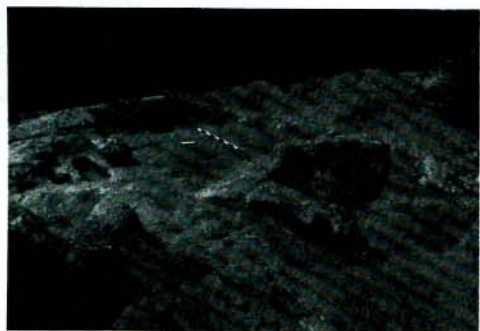


Foto 4 – Lagar da Cruzinha (Longroiva)

Dimensões da lagareta:

- Comprimentos: 2,10 m; 2,14 m
- Larguras: 1,90 m; 2,04 m
- Profundidade média: 0,12 m

Dimensões do pio:

- Perímetro superior: 6,20 m
- Profundidade média: 0,16 m
- Capacidade: aproximada dos 400 l